

I

O Assassino Ethan Frye estava encostado num caixote sob as sombras do mercado de Covent Garden, quase escondido pelas barracas dos comerciantes. De braços cruzados, o queixo apoiado em uma das mãos e a cabeça coberta pelo capuz volumoso e macio do seu manto. Enquanto a tarde se transformava em noite, permanecia ali, parado e silencioso. Observando. Esperando.

Era raro um Assassino apoiar o queixo assim, na mão mais hábil. Principalmente se estivesse portando a sua lâmina oculta, como Ethan estava, com a ponta a menos de dois centímetros da carne exposta de sua garganta. Próximo ao seu cotovelo havia um mecanismo de molas leve, porém muito poderoso, projetado para fazer saltar a lâmina afiada como uma navalha; bastava agitar o pulso do jeito certo para acioná-lo. Num sentido bastante literal, portanto, Ethan estava se colocando no fio da própria navalha.

Por que ele faria isso? Afinal, nem mesmo os Assassinos eram imunes a acidentes ou ao mal funcionamento de seus equipamentos. Por questões de segurança, os homens e as mulheres da Irmandade tendiam a manter bem longe do rosto as mãos em que levavam as lâminas. Melhor isso do que arriscar-se à infâmia, ou coisa pior.

Ethan, contudo, era diferente. Não apenas era um especialista na arte da contrainteligência — e apoiar o queixo no braço mais forte era um gesto feito para enganar algum possível inimigo —, como também sentia um prazer sombrio em cortejar o perigo.

Então ali estava ele sentado, com o queixo apoiado na mão, observando e esperando.

Ah, pensou. *O que era aquilo?* Empertigou-se o corpo e afastou a moleza dos músculos enquanto espiava o mercado por entre os caixotes. Os comerciantes estavam encaixotando suas mercadorias. E, além disso, havia outra coisa acontecendo. O jogo tinha começado.

Num beco não muito distante de onde estava Ethan, espreitava um camarada chamado Boot. Vestido com um casaco de tiro puído e um chapéu amassado, ele estava observando o relógio de bolso que tinha roubado de um cavalheiro poucos minutos antes.

O que Boot não sabia sobre sua nova aquisição é que o antigo dono planejava levá-la ao conserto naquele mesmo dia, por motivos que viariam a exercer um profundo efeito na vida de Ethan Frye, Boot, um jovem que se autoapelidava de O Fantasma e mais alguns outros envolvidos na eterna luta entre a Ordem dos Templários e a Irmandade dos Assassinos. O que Boot não sabia era que o relógio de bolso estava quase uma hora atrasado.

Completamente alheio a esse fato, Boot o fechou, sentindo-se agora um verdadeiro dândi. Depois, saiu do beco, olhou para a direita e para a esquerda e começou a atravessar o mercado sob o dia que já ia embora. Caminhava de ombros encurvados, com as mãos enfiadas nos bolsos, e olhou para trás para ver se não estava sendo vigiado de perto. Então, seguiu em frente satisfeito, deixando Covent Garden para trás e entrando no cortiço St. Giles Rookery.

A mudança no ar ao redor foi quase instantânea. Se antes os saltos de suas botas pisavam os paralelepípedos do calçamento, agora afundavam no esterco da rua, fazendo subir um cheiro fedorento de legumes podres e excrementos humanos. O calçamento estava coberto daquilo, o ar fedia. Boot puxou o cachecol para cima da boca e do nariz, para tentar se proteger do cheiro horroroso.

Um cachorro parecido com um lobo trotou em seus calcanhares durante um tempo, as costelas à mostra na barriga encovada. Seus olhos famintos com bordas vermelhas imploravam, suplicantes, mas ele o chutou para longe, e o cachorro saiu deslizando e depois se afastou, com o rabo enfiado entre as pernas. Não muito longe dali, uma mulher

sentada na soleira de uma porta, vestida com farrapos amarrados com um barbante e segurando um bebê contra o peito, observava Boot com olhos vidrados e sem vida, miseráveis. Talvez fosse mãe de uma prostituta, esperando a filha voltar para casa com o faturamento do dia — e aí da garota se voltasse de mãos vazias. Ou quem sabe não era a chefe de um bando de ladrões e malandros, que em breve dariam as caras com o butim do dia. Ou talvez administrasse uma estalagem noturna. Ali no cortiço, as casas grandes e antigas tinham sido convertidas em apartamentos com divisórias que à noite forneciam abrigo para todos aqueles em busca de refúgio: fugitivos e suas famílias, prostitutas, comerciantes, operários — qualquer um disposto a pagar por um espacinho no chão. Com sorte, e mais dinheiro, conseguiriam uma cama, porém o mais provável é que fossem obrigados a se virar usando palha ou serragem como colchão. De qualquer modo, não dormiam profundamente: cada centímetro do piso era tomado de gente, e o choro dos bebês ecoava noite adentro.

E embora várias dessas pessoas não quisessem ou não pudessem trabalhar, muitas outras tinham uma ocupação. Havia adestradores de cães e comerciantes de pássaros; havia aqueles que vendiam agrião, cebola, anchova ou arenque; havia vendedores ambulantes, varredores de rua, comerciantes de café; e ainda gente que afixava cartazes e avisos ou fazia as vezes de carregadores de placas. Traziam consigo para o cortiço suas mercadorias, o que colaborava para aumentar a superlotação e o fedor. À noite as casas eram fechadas, e as janelas quebradas eram remendadas com farrapos ou jornal, para proteger os moradores do ar nauseabundo da noite, quando a cidade cuspiu fumaça para os céus. Sabia-se de histórias de famílias inteiras que tinham morrido sufocadas pelo ar noturno da cidade. Pelo menos era o que se dizia por aí. E se havia algo que se espalhava pelo cortiço com mais rapidez do que a doença eram os boatos. Para seus moradores, Florence Nightingale podia pregar o quanto quisesse: eles continuariam dormindo de janelas bem fechadas.

E dava para culpá-los?, pensou Boot. Se você morava no cortiço, suas chances de morrer eram grandes. A doença e a violência eram dominantes por ali. As crianças corriam o risco de serem sufocadas quando os adultos rolavam por cima dela durante o sono. Causa de morte:

rolamento. Era mais comum nos fins de semana, depois que as pessoas tomavam o que restara do gim e os bares eram fechados, e o pai e a mãe cambaleavam de volta para casa sob a névoa rala, subiam os degraus escorregadios de pedra, entravam porta adentro e deitavam-se no quarto quente e fedido, onde finalmente podiam descansar...

E de manhã, depois que o sol nascia mas a neblina continuava presente, o cortiço era sacudido com os gritos dos enlutados.

Boot adentrava cada vez mais o cortiço, onde os edifícios altos cobriam até mesmo a luz fraca do luar, e os postes de luz atravessados pela neblina cintilavam malevolamente no escuro. Ele ouvia o canto rouco que vinha de um bar a algumas ruas de distância. De vez em quando o canto ficava mais alto, quando a porta era escancarada para atirar os bêbados pela rua.

Naquela rua em que ele estava, entretanto, não tinha nenhum bar. Apenas portas e janelas fechadas com jornal, roupas penduradas nos varais acima — os lençóis mais parecendo velas de um navio —, e fora o canto distante, apenas o som de água corrente e de sua própria respiração. Somente ele... sozinho.

Ou assim ele pensava.

Então, até o canto distante parou. O único som que se ouvia era o dos pingos de água.

Um farfalhar veloz o assustou.

— Quem está aí? — perguntou, com tom autoritário, mas, na mesma hora, percebeu que era um rato, e o fato de estar tão alarmado que até um barulho de rato o fazia saltar de medo era algo muito significativo, mesmo.

Mas o som se repetiu. Quando ele se virou rapidamente, o ar ondulou ao seu redor e pareceu se abrir como as cortinas de um teatro. Por um instante ele imaginou ter visto algo, um vislumbre: uma silhueta no meio da neblina.

Depois, pensou ouvir o som de uma respiração. A dele estava curta e superficial, quase ofegante, enquanto aquela outra era alta, contínua e vinha de... onde? Em um momento parecia estar à sua frente, no outro, atrás. Ouviu aquele farfalhar outra vez. O som de uma pancada o assustou, mas vinha de um dos quartos acima. Um casal começou a discu-

tir — ele tinha voltado para casa bêbado de novo. Não, *ela* é que tinha voltado bêbada de novo. Boot se permitiu dar um pequeno sorriso, percebeu que começava a relaxar um pouco. Ora, aqui estava ele, saltando com medo de fantasmas, de uns ratinhos de nada e de um velho casal discutindo. O que mais faltava?

Ele se virou para ir embora. No mesmo instante, a névoa à sua frente ondulou e dela saiu um vulto encapuzado, que, antes mesmo que ele pudesse reagir, segurou-o e levou o punho para trás como se fosse dar-lhe um soco. Porém, em vez de socá-lo, o atacante agitou o pulso e, com um movimento suave, uma lâmina saltou da sua manga.

Boot havia fechado os olhos com força. Quando os abriu, foi para ver o homem encapuzado atrás da lâmina, segurando-a a um milímetro do seu globo ocular.

Boot mijou nas calças.

3

Ethan Frye permitiu-se o prazer de um pequeno momento de satisfação com a precisão da sua lâmina, e, em seguida deu uma rasteira em Boot e o fez cair com toda a força nos chão imundo. O Assassino se agachou e prendeu Boot entre os joelhos, enquanto pressionava a lâmina em sua garganta.

— Agora, meu amigo. — Ele sorriu. — Por que não começamos com você me dizendo seu nome?

— É Boot, senhor — respondeu Boot, contorcendo-se. A ponta da lâmina apertou dolorosamente sua carne.

— Bom homem — disse Ethan. — Essa é uma boa estratégia, contar a verdade. Agora eu e você vamos ter uma conversinha, que tal?

Embaixo dele, o camarada tremia. Ethan tomou aquilo como um sim.

— Você está indo fazer a entrega de uma chapa fotográfica, correto, Sr. Boot? — Boot continuou tremendo. Ethan tomou aquilo como outro sim. Até aí, tudo bem. Sua informação procedia; esse tal de Boot era um contato em uma grande rede que vendia fotografias eróticas em alguns bares de Londres. — E está indo até Jack Simmons para pegar uma chapa, correto?

Boot assentiu.

— E qual é o nome do camarada com quem você vai se encontrar, Sr. Boot?

— Eu... eu não sei, senhor...

Ethan sorriu e inclinou-se ainda mais para perto de Boot.

— Meu caro rapaz, você consegue ser pior como mentiroso do que como entregador. — Pressionou mais ainda a lâmina. — Está sentindo onde essa faca está agora?

Boot piscou para indicar que sim.

— Isso é uma artéria. Sua carótida. Se eu abri-la, você vai colorir a cidade inteira de vermelho, meu amigo. Bom, pelo menos a rua intei-

ra. Mas nem eu nem você queremos isso. Para que estragar uma noite tão agradável, não é mesmo? Em vez disso, por que não me conta com quem deve ir se encontrar?

Boot piscou.

— Ele vai me matar se eu fizer isso.

— Talvez, mas, se não me disser, eu vou te matar com toda a certeza, e só um de nós está aqui com uma faca na sua garganta e não é ele, certo? — Ethan aumentou a pressão. — Escolha, meu amigo. Morrer agora ou depois.

Naquele exato momento, Ethan escutou um ruído à esquerda. Meio segundo depois, já tinha seu revólver Colt na mão, e, com a lâmina ainda no pescoço de Boot, mirou num novo alvo.

Era uma menininha voltando do poço. Ficou ali parada de olhos arregalados, segurando em uma das mãos um balde cheio até a borda de água suja.

— Desculpe, senhorita, não quis te assustar. — Ethan sorriu. Guardou o revólver novamente no manto, e a mão vazia ressurgiu para assegurar à garota que ele não era nenhuma ameaça. — Só faço mal a rufiões e ladrões como este homem aqui. Acho melhor você voltar ao seu apartamento. — Ele fez um gesto para a garota, mas ela continuava parada, simplesmente olhando os dois, com os olhos brancos no rosto imundo, parada de tanto medo.

Ethan xingou internamente. A última coisa que ele queria era plateia. Principalmente quando se tratava de uma garotinha que assistia enquanto ele segurava uma faca contra o pescoço de um homem.

— Certo, Sr. Boot — disse ele, em voz mais baixa do que antes. — A situação mudou, portanto, terei que *insistir* para que você me conte exatamente com quem deve se encontrar...

Boot abriu a boca. Talvez estivesse prestes a dar a informação que Ethan pedia. Ou a ponto de dizer a Ethan onde enfiar aquelas suas ameaças. Ou ainda, o que é mais provável, simplesmente gemer dizendo que não sabia.

Ethan nunca pôde saber, porque justamente quando Boot estava prestes a responder, seu rosto explodiu.

Aquilo aconteceu num segundo antes de Ethan ouvir o tiro, rolar para longe do cadáver e sacar o revólver, exatamente quando um

segundo tiro foi disparado. Ele se lembrou da garota tarde demais, e virou a cabeça bem a tempo de vê-la rodopiando para longe, o sangue espirrando do peito enquanto deixava o balde cair, morta antes mesmo de seu corpo atingir o chão de pedra graças ao tiro disparado contra ele.

Ethan não se atreveu a atirar de volta com medo de atingir outro inocente que pudesse estar escondido na neblina. Em vez disso, agachou-se e preparou-se para outro tiro, um terceiro ataque vindo da escuridão.

Que não veio. Ethan ouviu apenas o som de passos se afastando depressa, limpou os restos de osso e cérebro que sujaram seu rosto, guardou o Colt no coldre e, com um gesto, recolheu novamente a lâmina para dentro de sua bainha e depois saltou até uma parede. Suas botas quase não encontraram apoio nos tijolos molhados, e ele começou a escalar um cano de escoamento até alcançar o teto de um dos edifícios, onde, sob a luz do céu noturno, pôde perseguir o atirador, que tentava fugir correndo. Fora assim que Ethan entrara no cortiço, e pelo jeito era assim que sairia, dando saltos curtos de um telhado para o outro, atravessando o prédio enquanto seguia sua presa silenciosa e implacavelmente, a imagem da garotinha marcada em sua mente, o cheiro metálico dos miolos de Boot ainda em suas narinas.

Apenas uma coisa importava agora. Que o matador caísse sob sua lâmina antes que a noite chegasse ao fim.

Debaixo de onde estava, ele ouviu as botas do atirador chapinhando e batendo nos paralelepípedos, e continuou seguindo silenciosamente nas sombras, incapaz de ver o homem, mas sabendo que já o havia ultrapassado. Chegando à beirada de um dos edifícios, e julgando já ter obtido vantagem suficiente, deixou-se escorregar pelo lado, usando os peitoris das janelas para descer mais depressa. Chegou à rua, onde ficou encostado à parede, aguardando.

Segundos depois, ouviu o som de botas correndo. Logo em seguida, a névoa pareceu se mover, como se para anunciar esta nova presença, e um homem de terno, com bigode farto e grossas costeletas, entrou rapidamente em seu campo de visão.

Segurava uma pistola que não parecia, mas poderia muito bem estar fumegando.

E, muito embora mais tarde Ethan fosse dizer a George Westhouse que atacara para se defender, isso não era exatamente verdade. Ethan tinha o elemento surpresa a seu favor; poderia — e deveria — ter desarmado o homem e o interrogado antes de matá-lo. Mas, em vez disso, ele desengatou sua lâmina e a enfiou no coração do matador com um grunhido de vingança e, depois, observou com grande satisfação a luz dos olhos do homem morrer.

Entretanto, ao fazer isso, o Assassino Ethan Frye cometera um erro. Estava sendo descuidado.

— Minha intenção foi pressionar Boot para obter as informações de que eu precisava, antes de assumir o lugar dele — comunicou Ethan ao Assassino George Westhouse no dia seguinte, depois de concluir sua história. — Porém, o que eu não sabia é que Boot estava atrasado para o encontro. O relógio de bolso que ele roubara estava atrasado.

Os dois estavam sentados na sala de estar da casa de George, em Croydon.

— Entendo — disse George. — E quando foi que você percebeu isso?

— Hum, deixe-me ver. Sem dúvida quando já era tarde demais.

George assentiu.

— Qual era o revólver?

— Um Pall Mall Colt, semelhante ao meu.

— E você o matou?

O fogo da lareira estalou e soltou fagulhas na pausa que se seguiu àquela pergunta. Ethan, desde que se reconciliara com seus filhos, Jacob e Evie, estava pensativo.

— Sim, George, e ele não merecia menos.

George fez uma careta.

— Merecimento não tem nada a ver com isso. Você sabe muito bem.

— Ah, mas aquela menininha, George! Você devia ter visto. Ela era uma coisinha de nada. Tinha metade da idade de Evie.

— Mesmo assim...

— Eu não tive escolha. Ele já tinha sacado a pistola.

George olhou para seu velho amigo com preocupação e afeto.

— O que aconteceu então, Ethan? Você o matou porque ele merecia ou porque você não teve escolha?

Ethan já tinha lavado o rosto e assoado o nariz uma dúzia de vezes ou mais, porém ainda tinha a sensação de que conseguia sentir o cheiro do cérebro de Boot.

— E as duas coisas precisam ser mutuamente excludentes? Tenho 37 anos e já vi mais mortes do que devia, e sei que os conceitos de justiça, igualdade e vingança vêm em segundo lugar depois da habilidade, e que a habilidade está subordinada à sorte. Quando o acaso lhe favorece... Quando a bala do matador erra o alvo, quando ele abaixa a guarda, você aproveita a oportunidade antes que ela desapareça novamente.

Westhouse perguntou a si mesmo a quem seu amigo desejava enganar, mas decidiu prosseguir ainda assim.

— Pena, então, que você tenha tido de derramar o sangue dele. Pois provavelmente você precisava saber mais sobre ele antes disso, não?

Ethan sorriu e fingiu que enxugava a testa de alívio.

— Fui premiado com um pouco de sorte. A chapa fotográfica que ele carregava trazia uma inscrição que identificava o fotógrafo e, portanto, consegui ter certeza de que o homem morto e o fotógrafo eram a mesma pessoa, um camarada chamado Robert Waugh. Tem associações com os Templários. Suas fotos eróticas seguiam dois rumos: um para os Templários, e o outro para os cortiços e as tavernas, por meio de Boot.

George soltou um assovio baixinho.

— Mas que jogo perigoso esse em que o Sr. Waugh estava metido...

— Sim e não...

George inclinou-se para atizar o fogo.

— O que quer dizer com isso?

— Quis dizer que de certa maneira a aposta dele de que os dois mundos se manteriam alheios um ao outro compensava. Eu vi o cortiço de outro modo hoje, George. Lembrei das condições em que os pobres estão morando. Esse é um mundo tão distante daquele dos Templários que mal dá para acreditar que ambos estejam no mesmo país, muito menos na mesma cidade. Se quer saber, nosso amigo Waugh tinha todos os

motivos para acreditar que os rumos separados de seus negócios talvez jamais se encontrassem. Os dois mundos nos quais ele operava eram como polos distantes. Os Templários não sabem nada dos cortiços. Moram rio acima, longe da imundície das fábricas que poluem a água dos miseráveis, e afastados da neblina e da fumaça que polui o ar.

— Assim como nós, Ethan — disse George, com tristeza. — Gostemos ou não, o nosso mundo é uma realidade de clubes exclusivos, salas de estar, templos, e câmaras de conselho.

Ethan olhou fixo para o fogo.

— Nem todos nós.

Westhouse sorriu e assentiu.

— Está pensando no seu homem, O Fantasma? Não passa pela sua cabeça me dizer quem é esse tal de Fantasma, ou o que ele está fazendo?

— Isso precisa permanecer em segredo.

— Então, onde ele entra?

— Ah, bem. Fiz um plano, que envolve o recém-falecido Sr. Waugh e O Fantasma. Se tudo der certo e O Fantasma conseguir fazer seu trabalho, então, quem sabe até poderemos colocar as mãos no artefato que os Templários tanto querem, o Pedaco do Éden.